

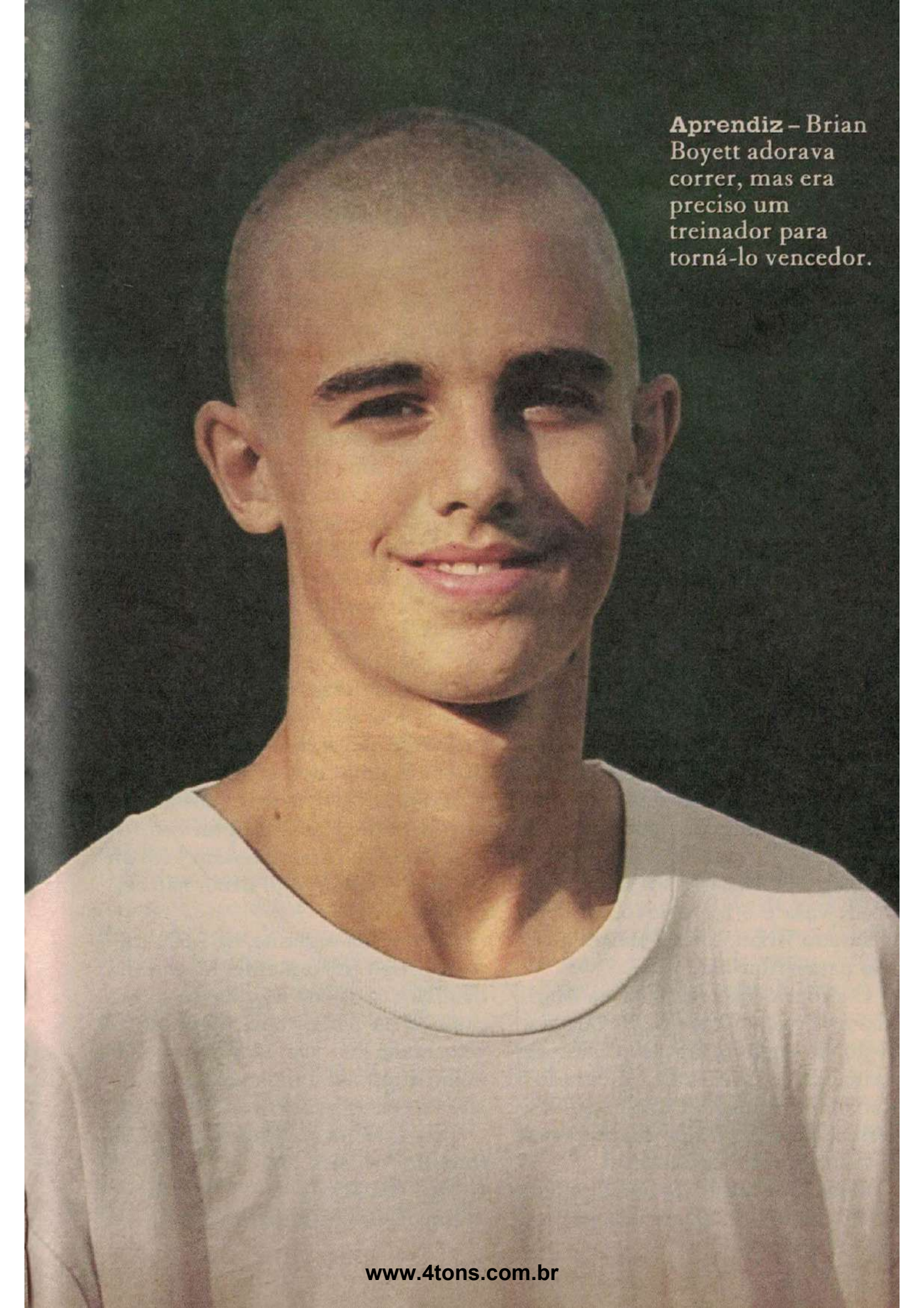
O menino precisava de alguém
que lhe ensinasse sobre a vida.
O treinador precisava de alguém
que lhe desse um motivo para viver.

Treinando Brian

Por PETER MICHELMORE

RAJADAS DE vento cruzavam o campo de futebol do colégio naquela tarde fria de 1994. No entanto, Charlie Kane abotoou sua velha jaqueta militar até o alto e manteve os olhos fixos no garoto magricela que corria de *short* vermelho na pista. A passada era longa demais para seu tamanho.

— Brian adora correr — disse a mulher de pé a seu lado. Havia um leve apelo na voz de Sue Boyett. Divorciada havia nove anos, ela estava procurando alguém para treinar o filho Brian, de 11 anos. Um amigo a apresentara a Kane.

A close-up portrait of a young man with a shaved head, smiling slightly. He is wearing a white t-shirt. The background is dark and out of focus.

Aprendiz – Brian Boyett adorava correr, mas era preciso um treinador para torná-lo vencedor.

O homem atarracado de quase 60 anos, com os cabelos grisalhos amarrados na nuca, não tinha a aparência de um treinador, assim como Brian não parecia um corredor nato. Na verdade, o homem era agora revisor em uma gráfica e havia anos que não treinava um atleta.

Depois de terminar as voltas na pista, Brian foi até a mãe, olhando para Kane com o canto dos olhos.

— Sua mãe disse que você gosta de correr. Mas você quer mesmo um treinador? — perguntou-lhe Kane.

— Acho que sim — respondeu Brian, evitando os olhos de Kane. Entretanto, este não aceitaria um comprometimento pela metade. Insistiu até que o menino finalmente o encarou e disse:

— Quero!

— Então serei seu treinador — afirmou Kane.

CHARLIE KANE estava com 58 anos e sentia falta de um objetivo na vida. Os dois filhos mais velhos tinham saído de casa e o mais novo, também chamado Brian, estava prestes a entrar para a Marinha.

O próprio Kane servira na Marinha no fim da década de 50. Sua ambição, no entanto, era ser professor e treinador de corrida. Fez mestrado e trabalhou 13 anos em escolas de New Jersey, fazendo o que mais amava: ensinar jovens a ler e a correr.

Mas, após um divórcio complicado na década de 70, em que ganhou

a custódia dos filhos, mudou-se para a Califórnia a fim de recomeçar. Durante dois anos foi treinador em uma faculdade. Precisava, porém, de um salário mais alto e passou a trabalhar como editor de manuais técnicos. Com saudades do Leste, Kane voltou para New Jersey em 1994, onde arrumou um emprego de revisor de textos. Era suficiente para pagar as contas, mas não lhe dava muita satisfação. Treinar — era disso que ele e Brian precisavam.

No entanto, Brian resistia ao novo treinador. Logo depois de começarem a trabalhar juntos, inscreveu-se em duas corridas de distância em um torneio recreativo de sua cidade natal, Parsippany Hills.

— Quero que você largue tranquilo — instruiu Kane —, vá acelerando aos poucos e dispare na última volta.

Quando foi dado o tiro dos 800 metros, Brian arrancou como se estivesse em uma corrida de velocidade. Nos últimos 100 metros, cansou e foi ultrapassado. Kane ficou furioso.

— Você vai correr do meu jeito ou do seu? — perguntou. Brian não respondeu.

Na corrida seguinte, os 1.600 metros, Brian novamente largou na dianteira, mas em seguida, fosse por cansaço ou por escolha, diminuiu a velocidade até ficar entre os que vinham atrás. Na última volta, com reserva de energia, disparou — e venceu.

Ofegante, foi até Kane e anunciou com um sorriso:

— Do seu jeito!

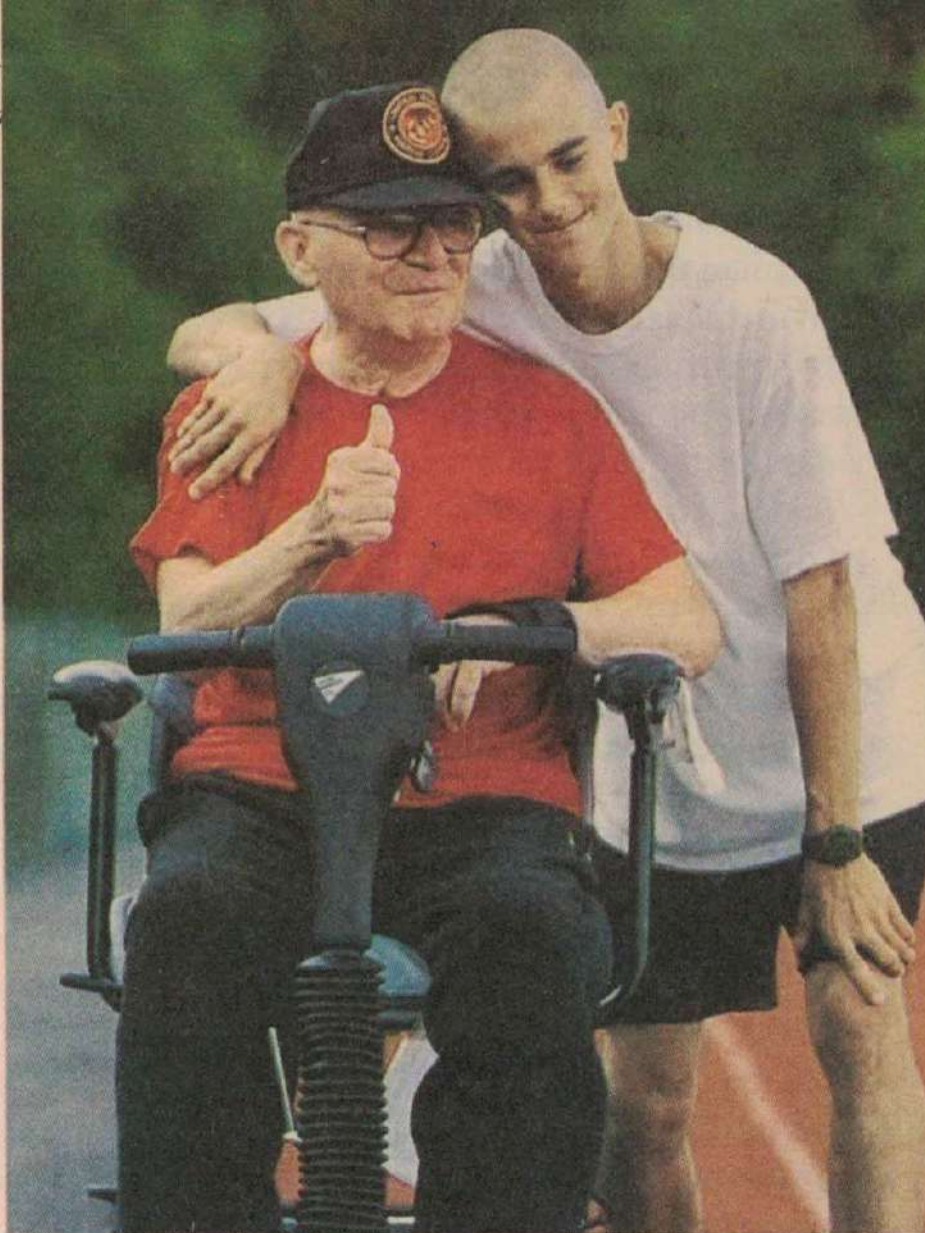
Encontravam-se na pista todos os

dias, depois do trabalho de Kane. Os dias transformaram-se em meses e, depois, em anos. Brian tinha 13 anos quando venceu algumas competições juvenis, com rápidas “disparadas finais”, como Kane as chamava. “Um dia”, dizia sempre ao garoto, “você vai estar na equipe olímpica dos Estados Unidos.”

A autoconfiança de Brian aumentou, mas a mãe ainda se preocupava, achando que não estava fazendo tudo o que deveria para o filho e a filha, Jennifer, um ano mais velha. Após o divórcio, o dinheiro ficara escasso. Trabalhava como contadora para uma empresa de paisagismo, mas, todos os anos, durante o inverno havia uma paralisação de dois meses nos trabalhos e ela ficava desempregada.

O dinheiro de Kane também era pouco, e isso o fez conversar com Sue a respeito de ir morar com ela, Brian e Jennifer, e juntarem os recursos. “Está combinado”, aceitou Sue. “De qualquer modo, você já é parte da família.”

Em janeiro de 1997, Kane mudou-se para o quarto localizado no porão da casa dos Boyetts. Naquele mesmo ano, Brian cresceu 18 centímetros e entrou para a escola secundária. Agora, sim, tinha aparência de



Confie em mim – Durante a doença de Kane, Brian tornou-se o seu apoio.

corredor: esguio, de músculos longos e passada disciplinada. Mas, como aluno, não era muito brilhante.

No primeiro ano teve de ler a *Ilíada*. Ele, porém, não entendia por quê. Kane, sim. E uma noite, sentado à mesa da cozinha, ficou à espera de Brian com uma tradução do poema épico de Homero acerca da Guerra de Tróia.

Enquanto Sue e Jennifer preparavam o jantar, Kane lia o antigo poema com sua melhor entonação dramática. Brian ouvia com espanto, até Kane insistir para que ele tentas-

se também. Embaraçado, Brian começou a ler, e logo estava envolvido na história, que fala de heroísmo, covardia, lealdade e decepção.

Continuaram lendo noite após noite, durante semanas. Corrida pela manhã bem cedo e à tarde, e a *Iliada* depois do jantar. Sutilmente, Kane estava treinando Brian para ser algo mais do que um atleta — treinava-o para ser um homem.

Aos poucos, os dois exercícios começaram a dar resultado. As prateleiras do quarto de Brian passaram a se encher de livros e de troféus de competições estaduais e municipais.

Então chegou o outono de 1998. Brian desenvolveu uma fratura no fêmur, causada por estresse, ficando fora das competições. E Kane vinha sofrendo de fraqueza muscular, problema que já o hospitalizara um ano antes. Os médicos suspeitaram que ele tivera um leve acidente vascular cerebral. Primeiro, Kane passou a usar uma bengala e, depois, um andador.

Com o tempo, Brian recuperou a força nas pernas, mas Kane, não. Ele tinha dificuldade para andar e até mesmo para ficar de pé. Brian gastou todas as suas economias para comprar um triciclo motorizado, a fim de que Kane pudesse continuar indo à pista de corrida.

Em março de 2000, Brian inscreveu-se na prova de um campeonato escolar nacional, disputado em pista coberta. Os melhores corredores fundistas do país estavam lá. Sue levou Kane em uma cadeira de rodas.

No tiro de largada, Brian saiu entre os primeiros, mas foi ficando estrategicamente para trás. No meio da corrida, deslocou-se para o meio do grupo. Ainda havia uma grande diferença entre ele e o corredor que vinha na liderança, mas a situação virou na última volta. Vivas, batidas de pés e a palavra “disparada”, que ecoava em sua mente, levaram Brian adiante.

De sua posição próxima à linha de chegada, Kane assistiu à vitória do garoto.

UM MÊS mais tarde, Kane começou a perder a voz e a se engasgar com a comida. Finalmente, os médicos chegaram a um novo diagnóstico: esclerose amiotrófica lateral, ou doença de Lou Gehrig. Kane, homem forte que formara atletas, estava perdendo toda a função muscular. Sua medula espinhal ia se degenerando, e breve ele saberia que tinha apenas alguns meses de vida.

— Não fique triste — Kane consolava Brian com a voz trêmula. — Tive uma vida feliz, e ainda vou continuar treinando você por algum tempo.

Sue assumiu todos os cuidados com ele. Levava Kane de carro para a pista, fazia-lhe a barba, cortava-lhe o cabelo, ajudava-o nas refeições e com a higiene pessoal. No entanto, a grande batalha diária era com as escadas.

Do quarto no porão até a cozinha, havia nove degraus acarpetados. Todos os dias, Kane lutava para

vencê-los sozinho. Em pouco tempo não conseguia mais. Mesmo com a ajuda de Sue, levavam penosos dez minutos para escalá-los, e a cada dia a tarefa se tornava mais difícil.

Um dia Sue teve de viajar. Em agosto, Jennifer partiria para a Universidade Estadual do Arizona, e a mãe precisava ajudá-la a se instalar.

“Pode ir, mãe”, assegurou-lhe Brian. “Eu cuido de Kane.” No primeiro dia em que ela estava fora, Brian trabalhou duas horas, bem cedo pela manhã, no emprego de verão como monitor de uma colônia de férias, e voltou correndo para casa. Encontrou Kane, ainda de pijama, sentado em uma cadeira de seu quarto pequeno e escuro, chorando.

Brian tentou levá-lo para cima, dizendo-lhe que se vestisse para que pudessem ir à pista. Kane não quis.

No fim daquela tarde, o filho de Kane chegou, vindo da base naval da Virgínia. Juntos, os dois Brians insistiram com ele, até conseguirem vesti-lo e tirá-lo do quarto.

Então veio a escada. Brian via que ele estava desanimado. Apenas nove degraus – o que este homem outrora forte poderia ter escalado sem esforço tornara-se uma montanha. E Kane

soltou um grito de protesto quando eles o levantaram pelos braços a fim de ajudá-lo a subir. Implorou para voltar para a cama, queria desistir.

“Você consegue”, Brian repetia para animá-lo, e por fim viu uma expressão de firme determinação nos olhos do treinador.

Apoiando-se nos braços deles – pés tropeçando, pernas tremendo –, Kane subiu. Um degrau de cada vez – todos os nove. Até chegar sem fôlego à cozinha, amparado pelos dois filhos que ele amava.

Naquela noite, quando voltaram da pista, os três sentaram-se juntos à mesa da cozinha, onde Kane e Brian haviam lido em voz alta o épico grego. Foi quando Brian pegou a mão do treinador. “Tudo o que sou, Kane, devo a você”, disse.

No DIA 6 DE JUNHO, Brian venceu a corrida de 3.200 metros no Torneio de Campeões do Estado de New Jersey. Na cadeira de rodas, Kane assistiu à prova, com o cronômetro na mão. Na manhã seguinte, estava totalmente paralisado. Sue e Brian cuidaram dele em casa até o fim. Charles Kane morreu no dia 23 de junho de 2001.

QUESTÃO DE ÂNGULO



Brincando na hora do recreio, meu filho de 8 anos bateu com a cabeça e ficou com um galo. Levei-o para o hospital, onde o médico o examinou e lhe perguntou:

– Quando caiu, você viu estrelas?

Meu filho olhou para ele e respondeu:

– Não, só pés.

– SHARON SCHNAYER, *Canadá*